



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

BOLETIM

Sessão extraordinária de 1 de Outubro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, estando presentes os Directores Srs. Dr. Gonçalo de Meira, José de Pina, Francisco Martins e Alberto V. Braga, Secretário.

O Sr. Presidente comunica que esta sessão extraordinária foi convocada para lavrar na acta dois votos de sentido pesar, pelo falecimento da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria da Glória de Sousa Bandeira Guimarães e do Sr. Conselheiro António Carlos de Vasconcelos Pôrto, a quem esta Sociedade muito deve e a quem rende, profundamente sentida, o preito da sua saudade e gratidão.

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria da Glória, ultimamente falecida na Póvoa de Varzim, era viúva do Dr. Avelino da Silva Guimarães, um dos iniciadores e fundadores desta Sociedade, que sempre enalteceu e lhe deu brilho, pelo seu formoso talento e pela sua extraordinária iniciativa de realizar festas que deram a esta casa uma nota de destaque e de valor e uma continuidade de vida sempre moldada em bons princípios e salutares ideias. A Sr.^a D. Maria da Glória, nossa ilustre consócia, era uma dedicada amiga desta Sociedade, que com excelso patriotismo e amor soube sempre interessar-se por ela e pelo seu progresso. — Foi resolvido mandar officio de pêsames a sua Ex.^{ma} filha, a Sr.^a D. Maria Constança Bandeira Guimarães.

O Sr. Conselheiro Vasconcelos Pôrto, ultimamente falecido, era nosso distinto sócio honorário. A Sociedade M. Sarmiento, que tem por missão promover o desenvolvimento da instrução popular no concelho de Guimarães, orgulhava-se em contar entre os nomes

dos seus ilustres sócios honorários o de Sua Ex.^a, que, numa longa visão, decretou o ensino obrigatório ministrado nos quartéis, infelizmente extinto. Com êsse oportuno ensino, milhares de soldados analfabetos lá seguiam para as suas aldeias, sabendo ler e escrever, possuindo assim os conhecimentos que constituem a base do ensino primário, com a vantagem do bom exemplo e do salutar estímulo que cada um desses rapazes representava para a população ignorante, em cujo seio iriam novamente viver. Não podia a Direcção desta Sociedade deixar de prestar, pois, o seu culto e a sua última homenagem ao grande homem de bem, e apresentar a sua Ex.^{ma} Família os seus comovidos pêsames.

Em sinal de sentimento foi imediatamente levantada a sessão.

Sessão de 7 de Outubro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, estando presentes os Directores Srs. Dr. Gonçalo de Meira, José de Pina, Francisco Martins e Alberto V. Braga, Secretário.

Ainda e a propósito da Assembleia Geral extraordinária de 23 de Maio dêste ano, assembleia onde se ventilou e discutiu a supressão da classe de Letras no nosso Liceu Central M. Sarmiento, o Sr. Presidente lê uma carta que lhe foi dirigida de Nova Goa pelo Governador da India e Deputado por êste círculo, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Lúcio dos Santos, desejando o Sr. Presidente que a carta ficasse arquivada na acta desta sessão.

Segue a cópia:

«Venho agradecer-lhe as suas boas palavras a meu respeito proferidas na reunião de protesto realizada na Sociedade. Venho também pedir-lhe o favor de comunicar à Comissão, se alguma Comissão ficou organizada, e ao Reitor do Liceu, que me associe a êsse protesto. Desejaria que esta comunicação fôsse do conhecimento de todo o povo do círculo.

Ligado de coração a essa terra de Guimarães, não penso senão em voltar a ela, com o sincero desejo de a poder servir ainda. Pouco tempo me demorei aqui, apesar das vantagens desta situa-

ção, porque entendo que não tenho direito de abandonar, por meu interesse, essa terra que me dá a satisfação de me considerar como seu defensor — dos títulos que tenho, aquele de que mais me orgulho. Quando foi do caso do Liceu, escrevi imediatamente ao Ministro da Instrução reclamando. E foi nessa ocasião que vi que não tinha o direito de me demorar aqui, abandonando o meu posto, porque, afinal, sempre faço falta, ao contrário do que eu supunha.

Guimarães comove-me profundamente com os seus sagrados vestígios de outros tempos, atestando a originalidade do povo português, e com êsse ambiente de culto e de estudo que aí se respira, e que é tanto, agora, a sua obra, como foi, noutra tempo, a obra de Sarmiento.

Guimarães prende-me também pela gratidão que lhe devo por ter reconhecido a sinceridade do meu esforço em seu favor.

A saudade que me faz regressar brevemente a Portugal não é ainda a saudade de Lisboa; é, sim, a de Guimarães, porque sinto que também ela carinhosamente continua a lembrar-se de mim.

Peço-lhe que me considere seu conterrâneo, enquanto a cidade não pensar em me dar êsse título, que eu confesso que ambiciono, e me creia com a maior estima,» etc.

Pelo sócio Francisco de Assis Pereira Mendes foi pedida a cedência do salão nobre desta Sociedade para uma exposição de bronzes e barros artísticos da Empresa Teixeira Lopes.

Resolvido satisfazer o pedido.

Falou-se também nas possíveis conferências a realizar durante a próxima época de inverno.

Sessão extraordinária de 18 de Outubro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, estando presentes os Directores Srs. Dr. Gonçalo de Meira, José de Pina, Francisco Martins e Alberto V. Braga, Secretário.

O Sr. Presidente leu comovidamente:

«Não posso dominar a minha comoção. Sinto-me impossibilitado de a traduzir. ¿Como é que se fala de um irmão muito querido que a morte, bárbaramente, estupidamente, acaba de arrebatá-lo? Com lágrimas. Não as escondo, não me envergonho delas. Eu vejo-as correndo dos vossos olhos. Isso nos basta. Esse é o melhor voto de sentimento que podemos levantar nesta acta, porque é assim que a dor, a verdadei-

ra e sentida, escreve. Ainda há poucos dias aqui nos reüniramos todos em volta desta mesa e êle nos incitava com a estranha galhardia do seu affecto a esta casa, que era o lar do seu amor espiritual, um de nós dos mais ousados, vencendo as piores dificuldades com a vivacidade florescentíssima da sua graça, com o seu riso que era o abrir do coração em rajadas de bondade, influindo-nos e enlaçando-nos com a sua energia tam moça e tam dedicada!

Pobre Alberto! Quem sabe se no riso boémio das suas aventuras de estudante, que ficaram célebres nas ruas do Porto, e que êle sabia aliar ao estudo e sem nunca desmanchar da sua honestidade, não andaria já a farsa trágica de um mau pressentimento esfuçando de troça a vida, que lhe seria ingrata, a insípida compostura de maneiras, em que, breve, ficaria hirto o seu cadáver, as preocupações de futuro, sumidas num coval do cemitério?!...

Traça-lhe o destino um sulco macabro. Formado em Medicina, toma a sério a profissão. Só em alguns e pouquíssimos anos de clínica, demonstra o valor das suas faculdades, que exerce com a serenidade, a aplicação, o exclusivismo atento e preocupado de um culto. A' cabeceira do enfermo não está só o médico. O mais pobre ou o mais desconhecido tem ali um amigo dos que o são inteiramente na hora incerta. E é êste que luta no coração do médico contra a doença e a morte. Aconselha e disciplina vontades túbias, quebra tendências anómalas, incita, corrige as froixidões perigosas. De si pouco se importa, em si não faz reparo — seja como subdelegado de saúde correndo a vasa imunda donde germina a epidemia, seja como médico militar (forçado, não de carreira), marchando com denodo para focos terríveis, em que o valor da vida é a quasi certeza da morte; seja consigo próprio, indifferente aos seus males, crendo porventura que tôda a saúde estava na sua alegre mocidade, a que se abria um caminho de esperanças e transfusava a tôda a roda de seus amigos a graça e o gosto de viver. E' assim que a morte o assassina, friamente, num volver lento, crucioso, ansiado de alguns dias. Os seus lábios ainda chacotam, no seu delírio, curto, perpassam restos de velhas canções estrídulas, mas o frio avança, inertiza-lhe aquele

afabilíssimo coração, tam puro de ruíns sentimentos, e a luz, que irradiara em fantasias doiradas, estremece e apaga-se.

Anda Guimarães numa hora aziaga. Os valores escasseiam. Parece que os novos se entregam a outras preocupações. Ah! Como se me enche o coração de uma tristeza negra!

Vamos nós cumprir o nosso dever velando o cadáver do que foi nosso amigo e companheiro. E' lá, neste momento, o nosso lugar. Aqui expresse-se apenas, com a religiosa verdade que o momento impõe e com aquela autoridade que a cada um de nós dá a nossa dor e o nosso luto, e grave-se para ensinamento e gratidão daqueles que um dia quizerem saber quem, no passado, serviu como bom cidadão a sua terra, que o Dr. Alberto Martins Fernandes foi um dos mais apaixonados servidores desta instituição que tem procurado cultivar a memória do nome glorioso, que a cobre, dignificando a cidade, amando a pátria nas suas tradições e na educação e progresso dos seus filhos."

Em seguida, e em sinal de sentimento, foi levantada a sessão.

Sessão de 12 de Novembro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, estando presentes os Directores Srs. Dr. Gonçalo de Meira, P.^o Anselmo da Conceição e Silva, José de Pina e Alberto V. Braga, Secretário.

O Director Sr. José Luís de Pina comunica que no Paço dos Duques de Bragança se andam a fazer umas obras de adaptação que muito prejudicam e desfeiam uma parte daquele monumento histórico, onde se pretende instalar uma dependência para o Hospital Militar.

Em virtude desta comunicação foi resolvido enviar o seguinte officio à Inspeção Geral das Fortificações e Obras Militares — Campo de S.^{ta} Clara — Lisboa:

«Tendo chegado ao conhecimento da Direcção da Sociedade Martins Sarmento que, nas obras para a instalação duma dependência hospitalar anexa ou integrada ao Quartel de Infantaria 20,

nesta cidade, se não tem respeitado, como devia, o antigo Paço dos Duques de Bragança, e verificando-se mesmo que, por virtude das mesmas obras, rasgaram já uma das janelas viradas ao sul, em ogiva e facetada, curiosa pela sobriedade do estilo e partiram as cruzetas das janelas rectangulares do mesmo corpo do edificio, abrindo outras sem estilo, substituindo assim o bom pelo detestável, viemos, em nome desta Sociedade, chamar a atenção de V. Ex.^{as} para semelhante atentado que vem pôr em risco um valioso monumento digno de ser inteiramente respeitado pelo seu valor histórico e pelo seu alto valor architectural.

A todos os portugueses, indistintamente, cumpre o respeito e diremos o culto dos padrões da sua história, mas a todos ainda e com dobrada razão impende o dever de salvaguardar de inexplicáveis destruições o já raro património do nosso passado artistico.

Estamos certos e confiados em que immediatas providências serão tomadas para se manter ileso aquele interessante monumento, sobre cujo valor facilmente poderão depor aqueles que, com autoridade e competência, se dedicam a estes estudos.»

O Sr. Presidente disse:

«Tem-se ultimamente acentuado as ofertas graciosas de colaboração para a *Revista de Guimarães*. Muito nos penhoram, não só porque vemos que do esforço com a sua publicação, que tem sido pesadíssimo, se vão colhendo os excelentes frutos da propaganda, tornando conhecido e honrado o nome desta Sociedade, mas ainda porque com muito prazer assistimos à curiosidade e desenvolvido, crescente, affecto pela qualidade de estudos a que particularmente nos consagramos. O nosso ideal, ao continuar a publicação da *Revista*, que se encontrava suspensa há oito anos, era complexo. Visávamos à dignificação do nome desta Sociedade e à continuação da obra em que estava empenhada. Pensávamos ainda em concorrer para o melhoramento da biblioteca pela entrada de publicações e livros, de que tanto se carecia. Em vez de nos cingirmos à história local, ou minhota — porque a vida dos vizinhos interessa também à nossa vida — quereríamos dar-lhe, sobretudo porque são escassas e ficaram suspensas as poucas publicações d'este género, uma amplitude maior, prendendo a atenção dos estudiosos e afeiçoando o público pelo seu carácter variado. Mas, desgraçadamente, neste país, cancerado de tantos egoísmos, a indústria do livro estancou as verdadeiras fontes de inspiração. A sucata, afamada pomposamente, atirada à cara de centenas de leitores de gosto à

moda, sem critério algum, venceu e contra ela não há lutar. Os vendedores repudiam todo e qualquer trabalho honesto, consciencioso, por maior que seja o seu valor, não levando certas marcas favoritas. O nosso plano só se poderia effectuar se o público ao nosso esforço correspondesse. Assim, bem magoada e contrariadamente, havemos de cingir-nos por força e à força ao plano modesto que nos legou a tradição da Sociedade, principalmente durante esta crise que tanto encareceu as obras tipográficas, mesmo ainda e porque representando esta publicação um grande esforço dos nossos consócios e, diga-se, bastante sacrificio nosso, não é justo distraí-lo enquanto não fôr possível. Alguns dos nossos actuais e distintos colaboradores têm levado a sua gentileza a ponto de, com seus intessantíssimos estudos, que tanto honram aquela *Revista*, nos oferecerem as gravuras já feitas das respectivas ilustrações. Não podemos nem devemos esconder a nossa gratidão.

Sem rejeitarmos, portanto, a colaboração de valor effectivo, que nos seja oferecida, temos de a ir espaçando conforme as nossas possibilidades e o estatuto a que estamos obedecendo.»

Foi também resolvido enviar o seguinte officio à Ex.^{ma} Direcção dos Edifícios Públicos e Monumentos Nacionais (Norte) — Pôrto:

«Todo o visitante que, passeando Guimarães, entra na Igreja da Colegiada da Oliveira, depois de, comovida ou indignadamente, se arrepiar com o estado miserando, imundo, vergonhoso, em que se encontra o claustro que, pelas tardes chuvosas, mais parece uma viela charquenta de mísero vilar, e a capela dos Cogominhos, onde apodrecem, moidos pelo salitre da urina, os dois túmulos dos fundadores — o Doutor Pedro Esteves Cogominho, ouvidor das Terras do Duque de Bragança, e sua mulher Isabel Pinheiro, «de que procedem os Pinheiros» — interessantes e raros, duplamente interessantes e raros como estátuas jacentes, na forma do seu estilo curioso, e pela indumentária das figuras, increpa, useira e vezeiramente, a digna Sociedade, que temos a honra de representar, como se do nosso enternecido affecto aos monumentos do passado se pudesse inferir o nosso poder de obstar à sua destruição sistemática neste desgraçado país onde se apagou ou não desenvolveu suficientemente ainda o respeito e o culto pelas manifestações da Arte e pela Tradição, no que ela tem de levantado, de progressivo e de digno.

Nós repelimos esta situação desairosa. Nós não somos os culpados de semelhante miséria moral! A nossa acção, longa e torturante, penosa e abafada, em favor dos monumentos da velha

Guimarães, mascarada, desfigurada, vilipendiada, não desperta, é certo, por convenção social, talvez somente, a alcunha de impertinência aos nossos brados inouvidos, tristemente clamantes neste deserto de bom-senso e consciente patriotismo — mas cai como ridícula e estéril, porque se não importam e porque não fazem caso.

Desta situação, que nos confrange, mais uma vez, com o acatamento devido a pessoas revestidas de autoridade pública em assuntos desta natureza, apelamos para V. Ex.^{as}, chamando com empenho e fervor a vossa atenção para o que já demoradamente expusemos em nosso officio de 9 de Junho passado.

A Capela de Santa Margarida, antiga Igreja de S. Miguel do Castelo, é considerada monumento nacional. Apesar duma restauração, talvez nem sempre feliz mas certamente muito cuidadosa, encontra-se de novo ao abandono. A chuva entra ali dentro à vontade. Improvisados guardas daquela reliquia preciosíssima são umas mulherinhas da cercania, muito boas por certo, mas ignorantes e desleixadas. Mostram a Capela na espreita da esmola — por certo bem merecida também. Mas o espectáculo é constrangedor e pouco abonatório do nosso interesse por tam valioso monumento. Se estivesse dentro das nossas posses, já teríamos solicitado autorização para proceder ao indispensável reparo do telhado. Mas a necessidade evidente é a de que a guarda da capela seja entregue a quem ao menos saiba respeitá-la e olhar por ela devidamente.

Guarda-se, nessa Capela, uma imagem preciosa como documento do nosso primeiro gótico. É uma lindíssima Imagem, talhada com devoção e ternura, em calcáreo. Impõe-se, urgentemente, a sua remoção para o museu desta Sociedade, porque deve estar confiada a guarda segura e ser exposta nas condições que merece e não para ali ao abandono e sujeita a um roubo atrevido mas fácil.»

Foi exarado na acta um voto de sentido pesar pelo passamento do rev. P.^e Abílio Augusto de Passos, recto carácter e dedicação firme, amigo desvelado desta Sociedade, tendo-a servido, durante muito tempo, como bibliotecário, desempenho que teve de abandonar por falta de saúde, tendo também colaborado na «Revista de Guimarães», onde escreveu artigos brilhantes de aturada e persistente defesa do nosso património artístico.

Igualmente foi exarado nesta mesma acta um voto de pesar pelo falecimento da Ex.^{ma} Sr.^a D. Narcisa Meira, irmã dedicada do nosso digno sócio honorário Ex.^{mo} Sr. Dr. Joaquim José de Meira e tia amantíssima do Sr. Dr. Gonçalo de Meira, nosso estimado colega da Direcção.

Sessão de 4 de Dezembro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, estando presentes os Directores Srs. Dr. Gonçalo de Meira, P.^e Anselmo da Conceição e Silva, José de Pina, Francisco Martins e Alberto V. Braga, Secretário.

O Sr. Presidente leu:

«O povo encara de má sombra os anos bissextos apodando-os de aziagos. Razão tem o povo, ao menos quanto ao ano corrente. Ele tem sido amargo e doloroso para a cidade de Guimarães e muito especialmente para a Sociedade Martins Sarmento. Arrebatou-nos — tem aqui precisamente a maior força de expressão este dizer popular — ainda há pouco um companheiro querido, moço cheio de vida, inteligência, dedicação e bondade. E já hoje, mais alguns dias apenas, nos contrista e enluta a morte precoce, sempre ignara e crua, de um dos mais eminentes e ilustres filhos de Guimarães, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Alvaro Basto, distinto e consideradíssimo professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

Nascido na freguesia de S. Paio, desta cidade, no dia 21 de Abril de 1873, filho de António José da Silva Basto e D. Emília Rosa Marques da Silva Basto, era de uma família de boas tradições de intelectualidade e de carácter. Seu Pai, que nós conhecemos de perto e profundamente respeitávamos, tornou-se conhecido e estimado em toda a cidade, sem distinção de partidos nem de classes, pelos seus vastíssimos conhecimentos no ramo tam delicado, complexo e espinhoso do direito administrativo, em que era um verdadeiro mestre, aliando à cultura da sciência a sagacidade e a perícia dum técnico. De muito novo, como aluno do Colégio de S. Luís Gonzaga, em Braga, em cujo liceu fêz com distinção todos os exames de instrução secundária, começou a dar claras e positivas provas da sua valia mental, como rapaz de verdadeiro talento, e da sua devoção ao estudo. Foi, no mais rigoroso sentido, um distinto académico.

Entrando para a Universidade de Coimbra no ano lectivo de 1889-1890, matriculou-se nas Faculdades de

Matemática e Filosofia. Só poderia vencer a extensão dos programas e a dificuldade das matérias quem, como ele, fôsse dotado de um ânimo decididamente voluntarioso, de uma inteligência penetrante, de uma cultura metódica, de uma inegável vocação. Todos êsses predicados, que raras vezes se ajuntam, os possuiu em alto grau. Os Conselhos daquelas duas Faculdades conferiram-lhe as maiores honras académicas. Merece que se registem, em homenagem à memória querida de tam douto homem de ciência, como legítimo orgulho da nossa terra e para lição e estímulo dos novos.

Na Faculdade de Filosofia obteve as seguintes classificações:

Na 1.^a cadeira (Química inorgânica) — accessit; na 2.^a cadeira (Química orgânica e análise química) — partido; na 3.^a cadeira (Física, 1.^a parte) — prémio; na cadeira de Física, 2.^a parte, na classe de Voluntário — partido; na 4.^a cadeira (Botânica) — prémio; na 6.^a cadeira (Zoologia) — prémio; na 7.^a cadeira (Mineralogia e Geologia) — prémio; na 8.^a cadeira (Antropologia e Paleontologia) — prémio.

Na Faculdade de Matemática foi assim classificado:

No primeiro ano — prémio; no segundo — partido; no terceiro — partido; no quarto — prémio; no quinto — prémio.

E' verdadeiramente honroso e nobre!

Fêz acto de Licenciado, na Faculdade de Matemática, em 30 de Março de 1895, sendo-lhe dado para dissertação o seguinte argumento — «Geoide. Determinação das suas dimensões pela medida de arcos de meridiano» e defendeu teses nos dias 29 e 30 de Novembro, daquele mesmo ano. A dissertação, que então apresentou, versava: «Sôbre a equação de Laplace a três variáveis». Recebeu o grau de Doutor a 25 de Julho de 1897. Na Faculdade de Filosofia, fêz acto de Licenceado no dia 14 de Janeiro de 1897, sendo-lhe dado para dissertação o seguinte argumento — «Índices cefálicos dos portugueses»; defendeu teses nos dias 9 e 10 de Julho de 1897, tendo apresentado a seguinte dissertação: «Os raios catódicos e os raios X de Röntgen». Recebeu o grau de Doutor em 25 de Julho de 1897.

Lente das duas Faculdades, foi tam exímio como



DR. ÁLVARO BASTO

Mestre quanto havia sido invulgarmente, mesmo entre os mais talentosos e aplicados, distinto como estudante. Tornara-se, dentro em pouco, muito considerado em Coimbra como verdadeiro homem de ciência, todos os seus colegas daquelas, agora suas, e das outras Faculdades o zelavam e estimavam pelo seu alto saber e pela austeridade do seu carácter e muito justamente a Universidade se ufanava de o ter como ornamento e auxiliar na altíssima missão a que se destina. Não conhecemos, durante todo o seu professorado, um só aluno que o não tivesse na melhor conta, respeitando-o como professor, aprendendo realmente com o seu ensino, e cativado da sua tam fidalga e inteligente benevolência. Era muito claro, minucioso e preciso a ensinar. Tinha um cuidado paternal e era ao mesmo tempo como um leal companheiro, mais velho, experiente e instruído, cujos conselhos se fazem naturalmente acatar, a quem se obedece sem esforço e contra quem não surgem conflitos porque se estima tanto quanto se respeita.

Foi sempre, modelarmente, um estudioso. Todas as manifestações científicas o interessavam e estava ao par de todos os progressos. Eram vastíssimos os seus conhecimentos e verdadeiramente alumniada a sua ilustração. Além daqueles trabalhos, publicou vários outros, como «A organização das Faculdades de Ciências em Portugal», primoroso estudo, de carácter patriótico, onde descreve o funcionamento das principais escolas estrangeiras, e «Os Fenómenos e as disposições experimentais da telegrafia sem fio», interessantíssima notícia de vulgarização que bem demonstra a superioridade do seu espírito. Fazia parte da Comissão Redactora do «Instituto», a notável publicação que tantos serviços tem prestado à ciência portuguesa e à dignificação da Universidade de Coimbra.

Trabalhador como era, tomando a sério o seu cargo, sabendo o alcance do seu sacerdócio e amando a sua profissão, este honrado homem foi em muito vítima do seu esforço, da sua larga permanência no laboratório, da sua afervorada paixão pelo estudo.

Modesto, afável, amigo, êle seguia com interesse, patrocinava a ocultas, todos quantos de Guimarães desembarcavam em Coimbra para se matricularem na

Universidade. O seu maior contentamento, como se fizessem parte da sua família espiritual, era vê-los ganhar nome de bons estudantes, seguir e vencer com galhardia e honestidade a carreira académica. Pai amantíssimo, esposo muito dedicado de uma ilustre Senhora vimaranense, o Dr. Alvaro Basto era também um bellissimo carácter.

Levou-o a morte bem novo. Foi com o mais profundo sentimento que, por mim, que sempre o admirei e respeitei e lhe devo levantadas e gratíssimas provas de estima e de incitamento, e em nome da Direcção desta Sociedade, acompanhei ao cemitério o seu cadáver. Comoveu-me a sua morte, deploro o seu desaparecimento. E' mentiroso o provérbio ou o ditête de que "ninguém faz falta"; não — êste homem faz falta."

Resolveu a Direcção subscrever com cem escudos para o monumento de Camilo Castelo-Branco, a erigir em Vila Real de Trás-os-Montes.

A Direcção aprovou por unanimidade uma proposta do Sr. Presidente, proclamando sócio correspondente desta Sociedade o Ex.^{mo} Sr. Dr. Manuel Monteiro, patenteando assim a S. Ex.^a o justo aprêço em que tem as suas tam subidas e comprovadas qualidades de inteligência e de carácter e testemunhar-lhe profundo reconhecimento pelo affecto espiritual que muito bem sabemos S. Ex.^a consagra a esta instituição vimaranense.

Sessão extraordinária de 13 de Dezembro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, estando presentes os Directores Srs. Dr. Gonçalo de Meira, P.^e Anselmo da Conceição e Silva, José Luis de Pina e Alberto V. Braga, Secretário.

O Sr. Presidente disse que esta reunião extraordinária tinha sido convocada única e exclusivamente para prestar sentida homenagem de saudade à memória do heróico aviador Sacadura Cabral, que há um mês, no Mar do Norte, desaparecera para sempre, deixando a Pátria de luto, Pátria a quem êle deixou clarões de glória e de heroísmo.

Depois o Sr. Presidente leu:

"A travessia Lisboa-Rio de Janeiro, de que foram nautas e aventureiros dos ares Gago Coutinho e Sacadura Cabral, espargiu a luz da sua glória sobre todo o povo português. No mais humilde recanto de aldeia foram êsses dois nomes, símbolos da história, celebrados e festejados com uma alegria efusiva e entusiástica — aquela que só nos faz vibrar a todos, numa doce e fremente irmanação de sentimentos alevantados, nos momentos de epopeia ou de dor. Ao sertanejo chegou a fama aureolada, derramando seu clarão de delírio.

O drama humano, como a vida do homem, é um encadeamento de venturas e desgraças, de flâmulas e de crepes. Os poetas haviam procurado novos sons nas liras gastas, os oradores sacudido as rajadas, distendendo os surtos da maravilha eloquente da arrebatção e a prosa vasculhara na febre da veemência louvante as mais gárrulas expressões. Hoje é o silêncio torvo da surpresa e do luto. A ansiedade, a angústia, a desesperação, a dor bateram e entraram, dominando, o coração da gente. No cerraceiro do norte a morte despedaçou as asas do avião e despenhou no leito do mar um dos heróis. Faltava o martírio à sua glória. Se êle era uma expressão da nossa história!... Não vilipendiemos com palavras insípidas perante a enormidade do desastre a dor profunda da nossa gente, porque a família portuguesa está de luto. Partilhemos, comunguemos nesse luto. E' mais uma voz que nos fica e vai falar na encrespação das vagas — escutêmo-la. Se nós hoje soubéssemos ouvir o mar, êsse velho mar dos Lusíadas!..."

Os demais Directores referiram-se também, com palavras de elogio, ao grande Português, e lamentando a sua perda e a do seu modesto companheiro, associam-se ao voto de sentida homenagem que o Sr. Presidente traçou comoventemente, para que nesta acta ficasse bem gravada a impressão moral do nosso sentido pesar.

Em seguida foi levantada a sessão.

Sessão de 28 de Dezembro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, estando presentes os Directores Srs. Dr. Gonçalo de Meira, José Luís de Pina, Francisco Martins e Alberto V. Braga, Secretário.

Tendo a Direcção da Sociedade M. Sarmento recebido a importância de 600 escudos da Ex.^{ma} Sr.^a D. Constança Bandeira Guimarães, para ser distribuída, durante doze anos, num prémio de 50 escudos, intitulado «Dr. Avelino Guimarães», pela festa 9 de Março, foi resolvido mandar a Sua Ex.^a o seguinte officio de agradecimento:

«Bem haja V. Ex.^a! O amantíssimo coração de filha encontrou, estamos certo, a comemoração que mais enterneceria o espírito de seu Pai. Ele foi um dos fundadores desta casa. Vive em nossa saudade. Nós sentimos a nosso lado aquela alma. A cidade de Guimarães deve-lhe gratidão como a um dos advogados mais distintos e a um dos jornalistas mais brilhantes e argutos que têm honrado a sua história literária; a Sociedade M. Sarmento essa é, em grande parte, obra do entusiasmo, da previsão, da lucidez do seu espírito ilustrado e culto.

O nosso hino, que nos mareja os olhos ao recordarmos a infância feliz quando o ouvíamos na festa 9 de Março, brotou da inspiração devotada da Mãe de V. Ex.^a, cujo nome ficará sempre vinculado ao nosso espírito.

Assim, muito simples e verdadeiramente, teremos explicado a V. Ex.^a o alvoroço e a comoção com que nos veio penhorar, que não surpreender, a generosa oferta que se dignou fazer-nos. Como seu Pai, o nosso querido e saudoso Dr. Avelino Guimarães, V. Ex.^a compreende o alcance da instrução e procura semeá-la nos mais pobrezinhos, a quem ela poderá servir do mais rigoroso e rico dos dotes.

Quando tornarmos a ouvir o nosso hino, de hoje em diante, nós evocaremos, entre as mais saudades, aqueles dois nomes tão gratos, o nome da filha, digna continuadora duma tradição de família nobilíssima.

Não tendo outra forma de lhe expressarmos o nosso reconhecimento e querendo significar-lhe o quanto é viva a nossa homenagem ao Dr. Avelino Guimarães e à Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria da Glória Sousa Bandeira, permita V. Ex.^a que a consideremos como nossa muito benemérita e respeitada sócia correspondente.»

Foram admitidos alguns novos sócios.

A Sociedade recebeu, durante o trimestre, as seguintes ofertas, pelas quais de novo testemunha o seu agradecimento aos generosos oferentes.

Para a biblioteca:

Livros

António Sérgio, 2 volumes;
Luís Gonzaga Pereira, 1 volume;
Guilherme de Faria, 2 volumes;
Alfredo Coelho de Magalhães, 1 volume;
Artur Lamas, 1 volume;
Abel Cardoso, 1 catálogo de arte;
A. A. Mendes Correia, 1 volume;
João Agostinho Landolt, 1 volume;
Empresa Industrial Gráfica, 2 volumes;
Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa, 1 volume;
António Maria Lopes, 1 folheto;
Aillaud e Bertrand, 3 volumes;
Capitão António José Pires, 1 volume;
P.^e Gaspar Roriz, 2 folhetos;
Câmara Municipal do Porto, 1 volume;
Faculdade de Medicina do Porto, 25 teses de doutoramento;
Academia de Ciências de Lisboa, 6 volumes;
J. P. da Conceição, 1 volume;
Arnaldo Bezerra de Azevedo, 1 volume;
Cláudio Basto, 1 volume;
Diogo José de Macedo Júnior, 1 volume.

Para a colecção das revistas e jornais:

<i>Portugal</i> , Rio de Janeiro;	<i>Boletín Arqueológico de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense</i> ;
<i>Seara Nova</i> , Lisboa;	<i>O Instituto</i> , Coimbra;
<i>A. B. C.</i> , Lisboa;	<i>Revista de Turismo</i> , Lisboa;
<i>A Architectura Portuguesa</i> , Lisboa;	<i>Estudos</i> , Coimbra;
<i>Revista Literária</i> , Lisboa;	<i>Revista Infantil</i> , Lisboa;
<i>O Arqueólogo Português</i> , Lisboa;	

Boletim da Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro;
Serviço d'El Rey, Pôrto;
A Água, Pôrto;
Brotéria, Caminha;
Revista Escolar, V. F. de Xira;
Jornal de Ciências Matemáticas, Físicas e Naturais, Lisboa;
Lusitaniae, Pôrto;
Nação Portuguesa, Lisboa;
Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria, Madrid;
Boletim da Biblioteca Pública e do Arquivo Distrital de Braga;
Zeitschrift für ethnologie, Berlim;
Vida Musical, Lisboa;
Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Pôrto;
Arquivo de Anatomia e Antropologia, Lisboa;
Athena, Lisboa;
Revista de Estudos Históricos, Pôrto;
Lusa, Viana do Castelo;
Serrana, Arcos de Valdevez;
A Bibliográfica, Póvoa de Varzim;
Biblos, Coimbra;
O Missionário Católico, Couto de Cocujães;
A Esfinge, Pôrto;
Escola Nova, Coimbra;
O Comércio do Pôrto Mensal;
O Lavrador, Pôrto;
Ação Realista, Lisboa;
Revista da Universidade, Coimbra;
Gazeta das Aldeias, Pôrto;

Correio dos Açores (diário), Ponta Delgada;
Jornal de Albergaria;
Jornal de Abrantes;
Jornal de Felgueiras;
A Região Flaviense, Chaves;
O Distrito de Portalegre;
Gazeta de Coimbra;
Gazeta de Cantanhede;
O Desfôrço, Fafe;
A Fronteira, Elvas;
O Fafense;
A Democracia, Fafe;
A Política, Fafe;
A Troça, Fafe;
O Rambóia, Fafe;
Aurora do Lima, Viana;
Pimba!, Pôrto;
A Paz, Famalicão;
O Esposendense;
Pôrto Académico;
Raio de Sol, Pôrto;
Noticias de Melgaço;
Portugal, Madeira e Açores, Lisboa;
A União, Lisboa;
O Novo Cávado, Esposende;
Portugal Evangélico, Pôrto;
O Cristão Baptista, Pôrto;
Comércio de Monção;
Pirilau, Braga;
Voz de Coimbra;
Ecos da Avenida, Lisboa;
O Cristão Lusitano, Vila Nova de Gaia;
O Primeiro de Janeiro, Pôrto;
Jornal de Noticias, Pôrto;
Diário de Noticias, Lisboa;
Correio da Manhã, Lisboa;
O Dia, Lisboa;
A Época, Lisboa (of. do Ex.^{mo} Sr. P.^e José Maria da Silva);
Novidades, Lisboa (idem);

O Progresso Católico, Pôrto;
O Comércio de Guimarães;
Ecos de Guimarães;

A Razão, Guimarães;
O Taralhão, Guimarães;
O Espectro, Guimarães.

Para os museus:

João da Silva Guimarães, 5 notas africanas;
 Magalhães Bastos, 17 moedas estrangeiras;
 João Teixeira de Aguiar, 3 notas brasileiras;
 Alexandrino G. da Costa, 1 nota portuguesa.

ALBERTO V. BRAGA.

CORRECÇÕES NO VOLUME XXXIV

Pág.	linha	Onde está	devia estar
58	8	Probem	Probém
184	4	dela	dela
>	6	encontram	encontra
216	45	de Castela	para Castela
260	27	câimbras	câimbras